

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A violência contra mulheres legitimada pelas práticas sociais e culturais

Maria Clarice Rodrigues de Souza¹

RESUMO: A violência é um termo de múltiplos significados, e vem sendo utilizado para nomear desde as formas mais cruéis de tortura até as práticas mais sutis de violência que tem lugar no cotidiano da sociedade. No presente trabalho, na perspectiva do gênero, discutimos a violência contra as mulheres, perpetrada pelos homens e amparada por toda uma sociedade patriarcal, o que a torna uma das mais invisíveis e menos reconhecidas do mundo. Como método de pesquisa trabalhamos com a História Oral, que se tornou de extrema importância aos estudos dos historiadores pela construção da memória daqueles que historicamente foram marginalizados pela nossa sociedade. Gostaríamos de trazer ao debate a face oculta dessa violência muitas vezes não vista pelo fato de ser institucionalizada socialmente, mostrando situações cotidianas onde a definição do paradigma feminino coloca a mulher como alvo da arbitrariedade do sexo oposto.

Palavras-chave: Violência, Mulheres, Sociedade.

ABSTRACT: The violence that's a term of multiples significance , & comes being used to name after the shapes *cruellest* of torture but also the practices subtle of violence that you have place into the daily from society. Into the present I work, on perspective of the class, discuss the violence contra the women , perpetrator bristles men & assist for all an association patriarchal , the one to the she becomes one of the *invisible* & less we have recognized of the world. I eat method of research we work with the Oral history , that if turned out of extreme importance to studies from the historian by building from memory of those who historically have been Kept out of society by our society. We should like of bringing the discussion the face occult of that violence often no view at fact of being *institutionalized socially* , showing *situations* daily where the definition of the paradigm female it puts the woman I eat clear from abuse of the sex opposite.

Key- words: Violence, Women, Society.

A violência contra as mulheres tem merecido atualmente, início do século XXI, um destaque maior por parte da mídia. Muito se tem falado sobre o tema, mas o que realmente tem sido feito para mudar os dados alarmantes que mostram tal violência como parte integrante do cotidiano de muitas mulheres? O objetivo desse trabalho é mostrar através de algumas entrevistas realizadas com pessoas que interagem diretamente com tal assunto, como essa violência é vista por estes personagens reais e como a sociedade impõe alguns modelos a

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Prof^ª. Dra. Vera Lúcia Puga.

determinado grupo de pessoas e como essas acabam por acata los ainda que sejam extremamente prejudicadas. O que pretendemos é mostrar como a violência contra as mulheres é legitimada pela sociedade sendo aceita e tolerada como algo inerente à mulher e ainda considerada por muitos como uma “inconveniência tolerável” é como se a esse crime fosse dado características de relações naturais entre pessoas do sexo feminino e masculino que vivem em guerra, esquecendo que, não são diferenças biológicas entre homens e mulheres que determinam o emprego da violência, mas, construções culturais e sociais impostos a esses, reforçados por patriarcalismos que estabelecem relações de dominação e violência entre os sexos. Como procedimentos metodológicos entrevistamos até agora sete mulheres que sofreram ou sofrem violência doméstica, destas apenas duas nos permitiram retratar suas vidas, ainda que o discurso de todas as entrevistadas baseia-se nos mesmos princípios. Sempre que formos mencioná-las utilizaremos os códigos MA1 e MA2. Entre os agressores foram três entrevistados, sendo permitida apenas uma transcrição, com autoridades policiais duas ex-delegadas que responderam pela Delegacia de Mulheres de Montes Claros e todas elas nos permitiram usar suas falas.

Dentre essas representações sociais impostas pela sociedade, tomamos como exemplo o casamento, existe um embasamento para tal, no qual a sociedade em geral instiga a mulher a querê-lo, e esse muitas vezes é visto pelas mulheres como válvula de escape, pois deixarão a tutela do pai, para se tornarem companheiras do marido, ou ainda para se verem livres de lares nos quais muitas vezes são subordinadas a regras de opressão. Foi o que constatamos na fala de MA2:

(...) eu casei assim, mais por eu morar na casa dos outros, então, a gente, eu sofria muito, porque eu perdi meu pai eu era muito pequena né, então minha mãe ela sofria muito com nós então ela me deu prá esse pessoal que é o pai da minha patroa né, que me criou desde pequena então eu casei porque eu sofria muito lá aí eu pensei, vou casar prá sair de casa né, então eu ficava livre né, eu ia ter minha casa né, aí eu ia mandar e tudo.²

O interessante é que para isso os costumes sociais destituíram as mulheres da oportunidade de ganharem o seu próprio sustento, de modo que o casamento era a única chance de terem uma vida decente, ou seja, o papel que restava à mulher é o de esposa e mãe e o espaço de expressão destes papéis é o casamento. Assim, a mulher só é valorizada, só adquire uma identidade quando se casa. Se para a mulher o casamento significa felicidade e realização, para o homem ele será a possibilidade do exercício da “proteção da esposa”

² Fala de uma mulher vítima de violência doméstica. Entrevista realizada em 28/07/2006.

defendida pelo cristianismo, mas que se manifesta através de domínio e subjugação. Aqui cabe citar o discurso no qual a Igreja Católica se baseava,

(...) e reiterava, acerca da inutilidade das preocupações sobre a superioridade ou igualdade entre homens e mulheres, enfatizando a prioridade de se investigar as funções sociais para as quais estes demonstravam aptidões. E no caso das mulheres, revelava averiguar “se precisam como os homens o âmbito do mundo para exercício de suas faculdades, ou simplesmente o estreito recinto do lar doméstico, cujos deveres são difíceis de cumprir” encaminhando sua argumentação, em termos de uma indução explícita, para última solução. Fato que se pode verificar, ao acentuar que as mulheres têm uma função especial que corresponde às leis de seu sexo, “sublime tanto nas dores que lhe são inerentes como nos resultados de ter filhos”. Sua atuação primordial na família mais que no trabalho, constituía-se “numa ciência que absorve todos os dias, horas, minutos...”. A desobediência a esta norma, em decorrência da propaganda equivocada em prol da participação feminina na esfera pública, resultaria na diminuição das “mulheres honestas para aumentar as cínicas falanges das que não o são”. E, para finalizar, apelava no sentido de deixar a mulher no interior da família, de onde não deve sair, a mulher feliz, altiva, ornada com a dupla coroa, o amor do marido e dos filhos. (SOIETH, 1997: 07-08)

Como sublinha Pateman em sua obra: O Contrato sexual “o casamento é uma obra que está a serviço do patriarcado. No casamento a mulher estará sob o controle absoluto do homem” (PATEMAN, 1993-246).

Essa análise acerca do pensamento da sociedade sobre o casamento se fez necessária para que possamos demonstrar o porquê da aceitação de muitas mulheres de serem tratadas como mero objeto por seus maridos, as entrevistas concedidas revelam como as mulheres foram socializadas para sofrerem em silêncio, tudo por amor a família, aos filhos, tudo pelo papel imposto por uma sociedade patriarcalista e tradicional. Como retrata o trecho retirado da entrevista realizada com MA1:

(...)nesse intervalo que eu casei com dezessete anos, foi dezessete anos de só sofrimento, eu apanhava dele, eu resisti ao casamento entendeu, e eu nunca tive coragem de denunciar ele, nunca... nada, eu num sei porque eu num denunciei ele, acho que foi por causa dos filhos eu num tinha...por causa dos filhos, porque ele gosta muito dos filhos, ele pode não gostar de mim, mas dos filhos dele ele gosta demais (...)mas mesmo assim eu insistia em ficar casada e também por causa da família, tudo por causa da família (...)eu sacrifiquei minha vida pelos meus filhos (...)sofria mas tinha que ficar né, mas eu guentei, na época tinha que agüentar né por causa de pai, porque os pai né naquela época tinha que casar e ficar ali sofrendo mas tinha que ficar hoje em dia não fica, casa se não dá certo é só separar, minha filha mais velha mesmo já separou, meu pai me obrigou ficar com ele sabe(...).³

Uma contradição encontrada nas entrevistas concedidas se refere a uma crença presente no senso comum e muitas vezes também para a justiça, de que as mulheres que se mantêm em relacionamentos conjugais abusivos o fazem devido à dependência financeira em relação ao companheiro. Como afirma a ex-delegada da Delegacia da mulher,

³ Fala de uma mulher vítima de violência doméstica. Entrevista realizada em 19/07/2006.

(...) a dependência econômica da maioria das mulheres que chega na delegacia, porque só chega aqui a parte pobre(...)é também a dependência econômica como eu já disse que faz com que elas retirem a denúncia(...).⁴

O interessante é que os enunciados como os da delegada somente reforçam a idéia de dependência e submissão das mulheres. Porém, em nossa prática pudemos constatar que, na verdade, este não é o fator primordial, já que uma parcela significativa das entrevistadas não contava com o apoio financeiro de seus parceiros, pois estes muitas vezes são negligentes neste aspecto. Como afirma MA1,

*(...)eu trabalhava, sempre trabalhei, nunca deixei de trabalhar mesmo esperando neném , eu nunca dependi dele mas mesmo assim eu insistia em ficar casada(...)eu dava assistência prós meus meninos como se fosse o homem que tivesse saído de casa, **porque ele não trabalhava**, eu fiquei dando despesa, na época eu trabalhava e fiquei dando despesa prós meus filhos, ele não trabalhava aí eu tinha que sustentar ele , sustentava mesmo como sustento até hoje(...).⁵*

E MA2,

(...) porque eu que trabalho e coloco tudo dentro de casa ele não me ajuda com nada, ele não sustenta nada(...) a vida inteira eu trabalhei, tem 13 anos e três meses que eu trabalho só com essa menina aqui e ainda lavava roupa prá fora(...).⁶

A manutenção dessa idéia nos parece mais relacionada com o modelo ocidental de mulher desejada pela sociedade, ou seja, um sujeito submisso e voltado para o esposo e os(as) filhos(as) e cujo papel de “rainha do lar” lhe atribui a responsabilidade pela união familiar, sendo-lhe negado o direito de tomar decisões a nível pessoal, como a opção de terminar um relacionamento, uma vez que sua identidade é a de esposa e mãe e não de mulher.

Nas entrevistas concedidas ocorrem dois pontos relacionados à questão da separação. O primeiro se refere à agredida conseguir depois de dezessete anos de casada se separar do marido, mas ela deixando a casa e os filhos, no entanto, percebemos que ela só toma essa atitude por causa dos filhos e não por si mesma; como afirma MA1

*(...)aí depois de dezessete anos eu cansei de tanto sofrimento eu apanhava muito dele e me separei dele, nesse intervalo que eu casei com dezessete anos, foi dezessete anos de só sofrimento, eu apanhava dele (...), **eu só decidi separar dele quando minhas meninas foram crescendo e ficando moça elas não deixava mais que ele batia em mim então ele batia nelas**, aí minha menina mais velha mesmo sabe, uma vez machucou o pé por causa dele, ele correndo atrás dela prá bater, por causa minha , aí eu que tive que sair de casa, eu que sai de casa , sai sozinha e os meninos ficou (...).⁷*

⁴ Fala da ex delegada da Delegacia das Mulheres em Montes Claros.

⁵ Grifo Nosso.

⁶ Grifo Nosso.

⁷ Grifo Nosso.

A Segunda entrevistada, MA2, no entanto, não teve a mesma coragem de enfrentar as normas ditadas pela sociedade, preferiu se fechar, mesmo tendo também como vítimas da agressão do marido os filhos, continuou a silenciar sua história de dor e sofrimento para não transgredir as normas impostas:

(...)ele batia ne mim e eu sempre escondia né, num querendo falar com vergonha né, com vergonha assim de falar né e o povo perguntava e eu sempre arranjava uma desculpa né, falava que eu era tinha machucado e tudo e ficava (...)porque eles não sabia que eu apanhava, às vezes minha irmã, ficava sabendo que eu apanhava mas ela não podia fazer nada né, às vezes ela via aqueles machucão e sabia que aquilo não era queda como eu falava(...) ele chegava ficava batendo em mim batia nos menino que era pequeno os menino não dava conta de acudir(...) eu nunca pensei em me separar dele a gente que é criada na casa dos outros sofrendo a gente é muito acanhada né e acha que as vezes a gente faz as coisas e a culpa vai cair em cima da gente, que a gente tá errada né, se a gente separa o povo fala: a mulher que tá errada, desrespeitou o marido né então por causa disso por ver esse lado do respeito eu fiquei vivendo a vida toda com ele, hoje ele tá doente eu tenho dó de sair né (...) já estamos casados a 28 anos mesmo, vai fazer 29 agora no mês de agosto, hoje o povo de hoje não vive mais né e viver uma vida dessas eles não guenta mais eu nunca me separei por um lado por respeito né com meus pais de criação, então eu nunca tive coragem de sair de casa sabe, fico com vergonha de separar né, olhando o lado assim né sempre as vezes a culpa só cai pro lado da mulher né nem que a gente seja honesta direita né e muita gente não reconhece não sabe a situação dentro de casa né, já pensa da gente outra coisa né (...).

Outro dado encontrado que confirma o que temos pesquisado é o alcoolismo visto como fator primordial para as relações de violência, como confirma a ex delegada “(...)Mas 99% dos motivos apresentados pelos agressores é o alcoolismo(...),em especial no âmbito da família”. Essa justifica também é usada pelas mulheres, como afirma MA2, já MA1 vê o álcool apenas como uma forma de encorajamento.

(...)acho que ele batia em mim por causa da cachaça, ele me batia e falava que não gostava de mim, ele me batia quando ele bebia (...)eu acho que na verdade ele bebia como desculpa, a bebida era desculpa para fazer o que ele fazia, quantas vezes ele são aí queria bater ne mim(...). MA1

(...) aí ele bebia, chegava dentro de casa e me batia, fazia ruindade comigo né(...)tudo por causa da bebida sempre assim sempre eu falo a violência dentro de casa por causa da bebida, chega quebra tudo(...)ele é alcoólatra assim sabe, ele pega os trem e vende tudo prá comprar pinga, troca os trem a troco de cachaça (...)Eu acho que a violência dele é só por causa da bebida mesmo(...). MA2

Os agressores também afirmam que o álcool é o propulsor do crime, como relata um agressor:

(...)eu tinha bebido um pouco, aí quando eu caí eu levantei aí puxei o revólver quando eu fiz assim acertou bem na minha cunhada ela entrou na frente da minha esposa aí no ela caí eu já tava desesperado fui dá mais dois tiro na mulher minha foi uma tentativa e um homicídio aí eu acertei minha esposa, feriu minha esposa e acertei minha cunhada que morreu na hora(...).⁸

⁸ Fala do agressor. Entrevista realizada em 19/07/2006.

Outro ponto que queremos aqui destacar é a tentativa de construção de um “lugar de fala” uma posição social dos agressores, como homens de bem, os quais jamais se envolveram em brigas de rua ou praticaram qualquer outro tipo de violência que não seja a doméstica, como forma de minimizar suas atitudes. Esse lugar ou essa atitude acaba sendo aceita pelas esposas em suas falas. Primeiramente no relato de MA1,

(...)meu pai me obrigou ficar com ele sabe porque Clarice, porque ele fora da cachaça é uma ótima pessoa com os outros lá fora entendeu todo mundo fala que ele não parece que era ruim , claro ué quem sabe que ele é ruim é eu que apanho dele todo dia , ele era bom demais, todo mundo gosta dele, todo mundo, mas o pior dele é dentro de casa(...).

E também MA2,

(...)o que eu acho interessante é que com os de fora ele é ótima pessoa tem hora que eu fico pensando se eu for falar pros outros, vão pensar que eu é que sou ruim , ele não briga, não é brigador de rua, eu acho que essa violência dele tem um pouco a ver com a criação dele porque o pai dele também bebia e era violento e batia na mãe dele e os irmãos dele também eram violento e fala que era por causa da bebida, mas ele com gente de fora ele é ótimo não briga com ninguém de fora, só briga comigo e com os filhos.

Em entrevista realizada com os agressores o que despertou atenção foi a banalidade que é mostrada por eles ao mencionarem seus crimes. É como se esses crimes não houvesse a necessidade de condenação, é algo tão simples que não precisaria vir à tona. Se houve briga foi porque a mulher provocou, geralmente culpam a mulher pelos seus atos e sabem que a maior parte da sociedade comunga do mesmo pensamento. Retratam o crime com frieza, a vida da mulher para eles parece não ter o mesmo valor que suas próprias vidas.

Cabe destacar a tranquilidade do agressor e dos irmãos de que nada vai acontecer, que pelo fato de ter tentado assassinar sua esposa a justiça será mais condescendente com ele:

(...)minha esposa recuperou tá tranqüila, não tem nada não, ela me denunciou aí depois eu fui no fórum e assinei os papel da separação, aí meu irmão falou que eu posso ficar tranqüilo que os advogado já tá mexendo com tudo, não tem mais nada não, aí a justiça agora né.⁹

No que tange a entrevista concedida pela ex delegada da Delegacia da mulher observa-se que a mesma participa do pensamento e das atitudes da sociedade eivada de preconceitos e baseada no patriarcalismo. Não adianta acreditarmos que por ser uma mulher a responder pela violência contra as mulheres, seu parecer será diferente daqueles dados pelos homens da nossa sociedade, isso não acontece porque até o presente momento o que temos encontrado através de nossas pesquisas é que a mulher possui uma herança cultural que dificilmente romperá com esse ciclo de superioridade masculina que é transmitido ao longo de

⁹Fala do agressor.

gerações, sucessivamente. A certeza da necessidade de luta pelas mudanças da mentalidade com relação à violência contra as mulheres se faz urgente e inadiável. Aqui expomos apenas uma gota no oceano de injustiças e aceitabilidades sociais que se perpetuam por uma sociedade castradora. Como diria Michael Foucault:

seria ingenuidade acreditarmos que a lei é feita para todo mundo e em nome de todo mundo, que é prudente reconhecer que ela é feita por alguns e se aplica a outros; que nos tribunais não é a sociedade inteira que julga um de seus membros, mas uma categoria social encarregada da ordem que sanciona outra.
(FOUCAULT, 1997-243)

É difícil se chegar a uma conclusão, ainda que parcial sobre um tema tão instigante e até mesmo revoltante quando muitas são as dúvidas acerca do que se fazer para contribuir com eficácia para a erradicação, ou pelo menos a diminuição da violência contra as mulheres. No entanto, automaticamente nos remetemos à idéia de que, não estamos aqui para sermos juizes de uma sociedade que nada mais representa do que a continuação de gerações anteriores. Podemos sim, trabalhar com a intenção de mobilização em torno da violência contra as mulheres. E para que isso ocorra há de se trabalhar com toda uma cultura patriarcal existente em nossa sociedade que é passado de geração em geração não só pelos homens, mas também pelas mulheres que são socializadas e frutos dessa sociedade. Mulheres que se fecham, que temem falar, que se calam, não por medo do marido ou quaisquer outros agressores, mas exatamente pela sociedade que discrimina tais relações, ignoram a, fazem de atitudes tão insuportáveis algo natural, reduzem nas a chacotas, a “inconveniências toleráveis”.

Constatamos que essas mulheres sentem dentro de si uma dificuldade enorme de reagir não por medo de seus agressores, mas, por não querer transgredir as regras impostas às mulheres pela cultura e pelo gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir-nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes. 1997. P.243.
PATEMAN. Carole. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
SOIHET. Rachel. *Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas*. 1997. P.07 e 08.